



A Santa Sé

PAPA JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 12 de Outubro de 1983

1. "Senhor, suplicou a mulher, dá-me dessa água, para que eu não sinta mais sede" (Jo. 4, 15). O pedido da Samaritana a Jesus exprime, no seu significado mais profundo, a necessidade insaciável e o desejo inexaurível do homem. De facto, cada homem digno deste nome adverte inevitavelmente uma congénita incapacidade de responder àquele desejo de verdade, de bem e de beleza que brota da profundidade do seu ser. À medida que avança na vida, ele descobre-se, precisamente como a Samaritana, incapaz de matar a sede de plenitude que traz dentro de si.

A partir de hoje, até ao Natal, as reflexões deste encontro semanal serão sobre o Tema do anélito do homem à Redenção. *O homem tem necessidade de um Outro, vive, quer o saiba ou não, na expectativa de um Outro, que redima esta sua inata incapacidade de saciar as suas expectativas e as suas esperanças.*

Mas como poderá encontrar-se com Ele? Condição indispensável para este encontro resolutivo é que o homem tome consciência da sede existencial que o aflige e da sua radical incapacidade de matar a sequidão. O caminho para chegar a tal tomada de consciência é, para o homem de hoje como para o de todos os tempos, *a reflexão sobre a própria experiência*. Já o intuirá a sabedoria antiga. Quem não recorda a inscrição que sobressaia, bem em vista, no templo de Apolo em Delfos? Dizia precisamente: "Homem, conhece-te a ti mesmo". Este imperativo, expresso em modos e formas diversos também em áreas mais antigas de civilização, atravessou a história e repropõe-se com a mesma urgência também ao homem contemporâneo.

O Evangelho de João nalguns episódios salientes documenta bastante bem como Jesus mesmo, ao apresentar-se como Enviado do Pai, fez apoio nesta capacidade que o homem possui de compreender o seu mistério reflectindo sobre a própria experiência. Basta pensar no citado

encontro com a Samaritana, e também nos encontros com Nicodemos, com a adúltera ou com o cego de nascença.

2. Mas como definir esta profunda experiência humana que indica ao homem o caminho da autêntica compreensão de si? Ela é a confrontação contínua entre o eu e o seu destino. A verdadeira experiência humana realiza-se apenas naquela genuína abertura à realidade que permite à pessoa — entendida como ser singular e consciente, carregada de potencialidade e de necessidades, capaz de aspirações e de desejos — conhecer-se na verdade do seu ser.

E quais são as características de semelhante experiência, graças à qual o homem pode enfrentar com decisão e seriedade o dever do "conhece-te a ti mesmo", sem se perder ao longo do caminho de tal busca? São duas as condições fundamentais que ele deverá respeitar.

Deverá, antes de tudo, *estar apaixonado* por aquele conjunto de exigências, necessidades e desejos que caracterizam o seu eu. Em segundo lugar deverá abrir-se para um encontro objectivo com *toda a realidade*.

São Paulo recorda incessantemente aos cristãos estas fundamentais características de toda a experiência humana quando acentua com vigor: "Tudo é vosso; mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus" (1 Cor. 3, 22 e 23), ou quando convida os cristãos de Tessalônica a "examinar tudo e a reter o que for bom" (1 Tess. 5, 21). Nesta contínua confrontação com o real na busca daquilo que corresponde ou não ao próprio destino, o homem faz a experiência elementar da verdade, aquela que os Escolásticos e São Tomás definiram de modo admirável como "adequação do intelecto à realidade" (São Tomás, *De Veritate*, q.I a 1 corpus).

3. Se a experiência para ser verdadeira deve ser integral e abrir o homem à totalidade, compreende-se bem onde está para o homem o risco do erro: *ele deverá evitar todo o parcialismo*. Deverá vencer a tentação de reduzir a experiência, por exemplo, a meras questões sociológicas ou a elementos exclusivamente psicológicos. Como também deverá temer confundir a experiência com esquemas e "preconceitos" que o ambiente onde normalmente vive e actua lhe propõe: preconceitos ainda mais frequentes e perigosos hoje porque estão cobertos pelo mito da ciência ou pela pressuposta integralidade da ideologia.

Como é difícil para o homem no mundo de hoje arribar na praia segura da genuína experiência de si, aquela em que lhe se pode esconder o verdadeiro sentido do seu destino! Ele está continuamente insidiado pelo risco de ceder àqueles erros de perspectiva que, fazendo-lhe esquecer a sua natureza de "ser" feito à imagem de Deus, o deixam depois no desespero mais desolador ou, o que é ainda pior, no mais incontestável cinismo.

À luz destas reflexões como parece libertadora a frase pronunciada pela Samaritana: "Senhor... dá-me dessa água, para que eu não sinta mais sede...". Na realidade, ela é válida para cada

homem, aliás, vendo bem é uma profunda descrição da sua mesma natureza.

De facto, o homem que se encara seriamente a si mesmo e observa com olhar límpido a sua experiência segundo os critérios que expusemos, descobre-se mais ou menos conscientemente como um ser ao mesmo tempo cheio de necessidades, para as quais não sabe encontrar solução, e atormentado por um desejo, por uma sede de realização de si, que não é capaz, sozinho, de saciar.

O homem descobre-se então colocado, pela sua mesma natureza, na atitude de expectativa de um Outro que complete a sua insuficiência. Uma inquietação invade em cada momento a sua existência, como recorda Agostinho no início das suas *Confissões*: "Fizeste-nos para ti, ó Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Ti" (*Confissões*, I, 1). O homem, tomando a sério a sua humanidade, compreende que está numa situação de incapacidade estrutural!

Cristo é Aquele que o salva. Só Ele pode tirá-lo desta situação de inércia, saciando a sede existencial que o atormenta.

Saudações

Um especial pensamento dirijo também e sobretudo aos *Jovens* que encham e animam esta praça; entre eles encontram-se os rapazes do "Centro Nacional para o Apostolado da Bondade na Escola", que celebram o seu Jubileu.

Caríssimos *jovens*, vós podeis imaginar quantas coisas desejaria confiar-vos para exprimir o meu afecto e encorajamento; mas como o tempo é breve, apenas vos exorto a confiar plenamente em Deus e a recordar-vos que a todas as idades Ele dá forças e luz suficientes para superarem as provas a fim de serem fiéis à sua Palavra. A minha prece e a minha Bênção vos sirvam de apoio no vosso empenho espiritual.

Saúdo depois todos os *Doentes* aqui presentes e os que estão nas próprias casas ou nos hospitais, e exorto-os a não ceder ao desânimo, mas a ser sempre fortes no Senhor, para poderem superar, com o seu auxílio, todas as provas e sofrimentos que a doença traz consigo. Sabei aceitar com fé esta vossa situação e valorizar-lhe os aspectos espirituais. Contribuireis assim para aumentar os méritos da Igreja e para tornar cada vez mais eficaz a sua missão redentora. Da minha parte asseguro-vos a lembrança na oração pela vossa cura e serenidade espiritual, recomendando-vos a recitação do Rosário, sobretudo neste mês de Outubro.

Quero também saudar os *jovens Casais*. Caríssimos, com as mesmas palavras dirigidas domingo passado aos 38 casais por mim unidos em matrimónio, digo-vos: "O vosso amor não deixe nunca

de haurir naquele amor com o qual Ele amou. Então o vosso amor não se extinguirá nunca. Não vos desiludirá nunca. Desvelar-se-ão diante de vós aquela profundidade e aquela maturidade que correspondem à vocação de esposos e de pais". É quanto vos desejo de coração, enquanto com afecto vos abençoo.